

Crise desgasta FHC

O senador José Sarney (PMDB-AP) tem dito que a sucessão de Fernando Henrique será inteiramente diferente da que o elegeu. Haverá segundo turno e disputa acirrada. Não apenas ele joga nessa certeza: também os formuladores do governo. Admitem que haverá segundo turno, com todos os transtornos e contratempos que lhe são inerentes.

A eleição anterior de Fernando Henrique deu-se dentro da euforia do Plano Real. A população saboreava o fim da hiperinflação e não sentia ainda os efeitos colaterais do ajuste econômico. Em tal circunstância, qualquer candidato que expressasse a nova ordem econômica sairia vitorioso, fosse Fernando Henrique ou (como inicialmente desejava Itamar Franco) Antonio Britto. O Plano Real era a atração.

A eleição do próximo ano joga com fatores diferentes. O Plano Real continua sendo a vedete do espetáculo, mas há outras atrações — e uma das maiores são os efeitos colaterais do ajuste econômico, mais precisamente a distribuição desigual dos sacrifi-

cios dentro da sociedade. Fernando Henrique está tendo, com a seqüência de rebeliões de políticos país a fora, pequena amostra da enorme insatisfação social decorrente da política econômica.

Pode-se acusar, como o faz o governo, PT e CUT de estarem por trás dos movimentos, manipulando a insatisfação dos manifestantes. Isso, porém, não torna o problema menos grave ou menos verdadeiro. O gênio agitador daquelas organizações não é capaz de forjar revoltas. Elas preexistem e, no caso, estão apenas sendo exteriorizadas em ambiente de provocação. A desordem salarial, a concentração de renda e o desemprego — três fatores que resumem a crise social brasileira — não têm solução de curto prazo. Estarão presentes na hora da sucessão.

A ascensão de Gustavo Franco à presidência do Banco Central confirma a opção do governo pelo arrocho monetário, que manterá a política de juros altos, que, por sua vez, mantém o país em conjuntura de semi-recessão. Não há sinais de que, até o início da campanha eleitoral, tal qua-

dro se modifique substancialmente.

É claro que o governo dispõe de meios de maquiagem o processo, via ações de publicidade e marketing e com medidas cosméticas de cunho populista, que produzem sensação de euforia em alguns setores da população (financiamentos para casas populares, afrouxamento provisório do crédito, inauguração em série de obras e coisas do gênero). A oposição, porém, não estará, como na sucessão passada, sem assunto.

O calcanhar-de-aquiles é a dívida social. E não faltam cobradores, desde já em ação para difcultar os planos continuístas do governo. Fernando Henrique é ainda, de longe, o mais forte candidato centro-conservador à sua própria sucessão. Mas, como já está submetido a um processo de desgaste em sua imagem — e não se sabe até onde esse desgaste poderá levá-lo —, buscam-se, desde agora, alternativas para a eventualidade de uma surpresa. Daí por que Sarney e Paulo Maluf mantêm-se por perto, sem negar ou confirmar coisíssima alguma, antes pelo contrário.